

Uma tática suicida

JOSÉ NÉUMANNE PINTO

Havia uma diferença enorme entre Cássio Motta e Fernando Roese quando os dois entraram na quadra do Tênis Clube de Campos do Jordão, domingo, para decidir o Fiat Open. Motta, tenista número 2 do Brasil, estava disposto a se impor pela regularidade de seu jogo. Roese quis surpreender, ganhar pela força e pela agressividade.

Acontece que o tênis, um jogo de partidas longas e que exige muita concentração, requer sobretudo regularidade. Por mais brilho que tenha o jogador irregular, ele pode perder-se a certa altura da partida e foi isso que aconteceu com o jovem Roese, medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Los Angeles. Ao alternar momentos de brilho e de fogo com apagados instantes de mediocridade, permitiu a seu adversário mandar na partida e garantir o resultado que lhe convinha.

Nas coisas da política, o brilho muitas vezes é capaz de ofuscar a realidade. Em momentos específicos da História da Humanidade, o talento foi capaz de ganhar jogos contra o lento construir do cotidiano, mas a longo prazo sempre prevaleceu a regularidade. Assim aconteceu com o fenômeno de Hitler na confusa Alemanha dos anos 20 e 30, por exemplo, ou com Mussolini na Itália, na mesma época. De modo geral, os campeonatos são vencidos, afinal, pelos persistentes, aqueles que só relaxam no apito final.

No Brasil de hoje, a lição do tênis pode até ser aplicada à administração pública. O governo Sarney, em sua busca sôfrega do brilho, já perdeu muitas partidas no fim, por gastar todo o fôlego no set inicial. O governo federal quer disputar uma corrida de fundo utilizando uma tática, não de fundista, mas de velocista.

O governo tem motivos para isso, um a cada vez. Na época do Plano Cruzado, a tática de correr na frente e depois cansar foi usada porque a corrida só viria a terminar (com a derrota final inevitável) depois das eleições estaduais de novembro de 86, que, afinal, foram vencidas pelo grupo no poder que conseguiu o que queria. A falta de fôlego na reta final não impediu que o partido majoritário elegeisse 22 dos 23 governadores.

No primeiro turno da Constituinte, a administração Sarney utilizou a mesma tática suicida: gastou todo o fôlego para obter cinco anos de mandato para o presidente e o regime presidencialista de governo. O pronunciamento ansioso do presidente da República na televisão, na semana passada, deixou claro à Nação que o governo perdeu o fôlego na hora decisiva do jogo, no set de desempate, e agora pretende ganhar tempo para recuperá-lo.

O jogo jogado, nos últimos dias, pelo Ministério da Fazenda carrega o mesmo estigma: o governo pretende derrotar a inflação nos saques, da mesma forma que Fernando Roese pretendia derrotar Cássio Motta jogando agressivamente. Esqueceu, contudo, duas coisas fundamentais: as regras do esporte prevêem a existência de um determinado momento em que o adversário saca e, para manter seu serviço, o jogador precisa ter força e precisão. Se lhe faltar força, o adversário pode responder ao saque com eficiência. Se errar a colocação da bola no espaço certo do piso da quadra, cometerá uma falta que, repetida, dará pontos preciosos ao adversário.

Falta ao governo federal força para enfrentar a inflação na partida final do torneio. Falta-lhe também precisão na reposição da bola. Pois o adversário é implacável, conforme já demonstrou tantas vezes, e o próprio governo não sabe como combater o principal sintoma que lhe mina as forças: o déficit público. Ao estilo Cássio Motta, Mailson da Nóbrega prefere esperar o jogo no fundo da quadra e tentar minar o adversário contando com o desgaste físico inevitável do jogo e com a possibilidade de ele errar. A equipe do Palácio do Planalto, contudo, prefere o jogo rápido, a tática do velocista suicida, que dispara na frente para depois perder a corrida pela resistência física do adversário.

Como na época do Plano Cruzado, a tática do desespero tem uma motivação clara: as eleições de novembro. Por isso, as chances de Mailson podem ser consideradas exíguas. Há uma circunstância, contudo, contando pontos a seu favor: o fracasso das tentativas anteriores de decidir um jogo de três sets, no mínimo, ganhando apenas o primeiro.

O momento é de raciocinar e ficar esperando a bola no fundo da quadra, como Cássio Motta fez domingo no Fiat Open, em Campos do Jordão. Se o governo não fizer isso, não mostrará o menor respeito pelos sentimentos desta platéia de 130 milhões, cujo destino é o que, na verdade, se joga. Fritar Mailson agora pode até dar uma falsa sensação de vitória e de alívio aos que, no governo, só pensam em ganhar mais uma eleição. O esforço despendido para isso, contudo, poderá significar a derrota em mais uma partida decisiva e, portanto, a perda da taça. Fernando Roese bem que poderia contar isso a José Sarney. Afinal, quem ganhou o jogo foi Cássio Motta, e usando justamente a arma prometida por Roese: um saque forte e bem colocado, além de sábia paciência no fundo da quadra.